

AO BALCÃO DE UM BAR

(mais conteúdo em pedro-nunes.com)

- *“Uma terrível avalanche, por exemplo, é algo que pode ser lindíssimo, de encher o olho.”* – Declarou Ernesto. Pelos olhares curiosos em seu redor, parecia justificar-se de algo dito anteriormente – *“Tudo pode ser apreciado esteticamente, até as maiores violências, e não é esta confissão que faz de mim uma má pessoa.”*

Para Ernesto, a vida poderia até preservar o seu progresso, a ascensão às grandes alturas, às grandes distâncias, e, com isso, sugerir as mais rigorosas éticas, mas o fundamento que nunca abandonava, mesmo à custa da salvação religiosa, era o da estética. A sensação, na sua forma mais basal, no âmago meta-ético, era a única verdade que aceitava, a única em que reconhecia uma forma de absolutismo. Contudo, por si, Ernesto dificilmente chegaria a essa conclusão ou sequer reconheceria o quanto adotava essa realidade.

- *“Faça o que fizer de si, é certo que não o torna numa boa pessoa...”* – Respondeu um rosto, um dos rostos que por ali caminhavam, por entre copos e pequenos aperitivos, meio esfomeados, meio desgraçados, mas na generalidade reformados e sem nada para fazer.

- *“Então o que é que faz de mim uma boa pessoa, diga lá.”* – Exigiu Ernesto, divertindo-se com a exaltação do rosto que não parecia preparado para a exigência, e a boca balbuciou descontroladamente, como um motor sem nada mais para dar do que o som repetitivo da ignição – *“Tenha calma, não se enerve! Se lhe peço, é por mim, não para o envergonhar... Na verdade, ainda gostava de vir a ser uma boa pessoa.”*

- *“Tem de pensar nos outros, meu querido.”* – Talvez como técnica de resgate, quem falou foi a esposa do rosto exaltado, consideravelmente mais nova e com silvos franceses que espiavam dos gestos mínimos, das mãos, do olhar algo indiferente, do sorriso fino temperado com uma leve dose de desprezo – *“Já viu onde acabaria o mundo, se todos fôssemos como o menino?”* – O tom pejorativo com que acentuou o termo “menino” terá sido propositado, procurando sugerir uma forma de superioridade imerecida – *“Como as coisas estão, já estamos no precipício!... Com um pé a dançar por cima da queda... Temos de voltar atrás, descobrir onde cometemos o erro, e não*

continuar a andar como se não fosse nada connosco! Senão... Bem, depois disto, só a queda.”

- *“A queda...”* – Repetiu Ernesto, procurando conferir à palavra o mesmo peso, a mesma teatralidade, enquanto deambulava o vinho tinto numa espiral, dentro do copo, tal como lhe tinham ensinado a fazer. Contudo, terá provavelmente falhado, investindo-a, em vez, de um certo sarcasmo – *“E o que é a queda?”*

- *“O que é a queda?”* – Repetiu o rosto feminino.

- *“Sim, o que é, ao que corresponde.”*

- *“Bem, a queda... é a queda.”* – O olhar algo indiferente adquiriu uma inesperada seriedade, quase como se desejasse agarrar os ombros de Ernesto para lhe incutir as últimas palavras diretamente no cérebro, sem intermédios auditivos – *“A queda é a perda do vigor, da esperança. É... É...”*

- *“Envelhecer?”*

- *“É mais ainda, jovem! A queda é ficar velho, decrepito! É matar só para ver morrer, só para saber como é para quando for a nossa vez.”*

A senhora ficou algo ofegante, com o fim da frase, e pareceu, de súbito, envergonhar-se profundamente pelas palavras proferidas, como se uma onda de sinceridade a tivesse arrastado pelo areal e, submetida a essa força superior, exteriorizara-se e só retornara a si no fim da experiência.

- *“E o senhor, concorda com isto?”* – Perguntou Ernesto ao rosto masculino.

- *“Bem, não o diria dessa forma...”*

- *“Claro que não! Também eu não o diria. Mas isso é porque nós – os homens – somos todos iguais.”*

- *“Também não é bem assim...”* – Retorquiu o rosto.

- *“Não é? O que sei é que nenhum dos homens que conheci seria capaz de dizer algo assim. A maioria só balbucia umas ideias, coisas que ouviu dizer e que achou... Bem, achou que eram dignas, sabe? Que ficavam bem. É uma moralidade muito*

desinteressante, não acha?” – Sugeriu Ernesto, optando depois por uma pausa como se procurasse reorganizar as ideias, ciente de que o rosto nada responderia – *“Mas eu sou igual, não pense que me estou a excluir! E só com grande esforço é que consigo pensar de forma diferente. Ainda no outro dia, numa conversa, disse com toda a pompa e circunstância que as outras pessoas tinham precisamente os mesmos direitos do que eu.”* – Ernesto deixou escapar uma farta gargalhada, mas interrompeu uma segunda para terminar a história – *“Só mais tarde, quando estava deitado na cama, é que me apercebi que não sentia nada do que tinha dito!”* – Deu uma palmada amigável nas costas do rosto masculino, e riu-se alegremente. O rosto feminino envergou algum desdém e, com o olhar, impediu o sorriso que o seu marido teria feito, estivesse a esposa longe. Na verdade, não sabemos se o marido concordava com aquelas palavras ou não, e o seu sorriso (ou falta dele) não era tanto uma questão de opinião, quanto de educação social. Como em tantas outras coisas, a verdade dificilmente viria ao de cima numa situação destas, e Ernesto sabia muito bem que, até um certo limite, poderia dizer praticamente qualquer coisa e obter ainda uma reação consonante.

- *“Que conversa estapafúrdia!”* – Exclamou, de súbito, um terceiro rosto, não tão velho mas ainda assim semelhante aos outros dois. Ernesto sobressaltou-se, não tanto pela exclamação, mas porque, em nenhum momento, se apercebera desta terceira presença – *“Não atormente os meus pais, se faz favor!”*

- *“O senhor está aqui desde o início?”* – Perguntou Ernesto, em absoluta indiferença ao suposto incómodo do terceiro rosto, de tal modo estava estupefacto com a capacidade da sua percepção, que eficazmente removera aquele terceiro rosto até que ele se fez ouvir – *“Não me lembro de o ter visto chegar...”*

- *“É o nosso filho.”* – Apressou-se a esclarecer o rosto feminino – *“António, não te arrelies. Fomos nós que metemos conversa com o senhor Ernesto, na verdade...”*

- *“Porquê?”* – Perguntou o rosto herdeiro. A pergunta nascera-lhe, claramente, de um momento irrefletido, um impulso natural, sincero, anterior a qualquer filtro ou atenuante, advindo da experiência de observar Ernesto, o seu aspeto geral, e de o comparar com o espaço em que estavam e os seus habituais ocupantes. De qualquer

forma, o ambiente impregnou-se logo de súbito com uma inquietação física, que criou movimentos de acanhamento em todos os corpos presentes.

- “*António...*” – Suspirou o rosto masculino, a expressão verbal do desconforto latente.

- “*Não, não, não vos incomodeis!*” – Exclamou Ernesto – “*É uma pergunta justa e, na verdade, partilho da mesma curiosidade.*”

Momentos antes, quando o casal idoso interpelou Ernesto, este estava perfeitamente estático. Aguardava, pacientemente, por algo que não conseguiria especificar, mas que o colocava numa expectativa moderada. Como todos os dias, chegara ao bar do hotel depois de atravessar as grandes portas giratórias que tanto o entretinham e de cumprimentar o já familiar rececionista. Este, que a início lhe dirigia um esgar descontrolado, do qual, se calhar, nem tinha verdadeira consciência, com o tempo passara a recebê-lo com um total desinteresse. Fora, talvez, a repetição que transformara a expressão; afinal, já lá iam meses da mesma sequência. Ernesto descia as escadas e saía sempre pela manhã, indo tomar o pequeno-almoço e tratar dos seus afazeres, e voltava, geralmente, depois do lanche, dirigia-se ao bar e sentava-se num dos lugares – sempre o mesmo – ao balcão. No primeiro dia, perguntara ao *garçon* pelo que se bebia num espaço daqueles. O homem – robusto, seco e direto – respondeu que ele poderia beber o que quisesse. “*Pois, realmente tem razão...*”, reconheceu Ernesto primeiro, para depois acrescentar “*Mas percebe o que quero dizer? Se eu quisesse passar por alguém que é alguém... O que é que deveria pedir?*”

Talvez isto seja suficiente para se compreender o tipo de pessoa que Ernesto, aparentemente, é. Inseguro, recolhido na sua tristeza e solidão, incapaz de se fazer ouvir num universo sempre tão mais eficaz a comunicar, toda a sua vida fora, numa palavra, um triste espetáculo; sem relacionamentos capazes, sem ações verdadeiramente consequentes, sem vislumbres sequer de um momento imperativo. Nascera, porque a tal se vira obrigado, mas era, desde então, um transeunte, um observador profundamente passivo.

- “*Bem, na verdade...*” – Desbobinou o rosto masculino, após um interlúdio desconfortável de silêncio e olhares laterais – “*Não leve a mal, peço-lhe! É só que... Eu e*

a minha esposa passamos algumas temporadas aqui no hotel... E acontece que já tínhamos reparado em si algumas vezes.”

- *“É natural. Estou cá todos os dias há já vários meses!”* – Exclamou Ernesto, com um desapropriado entusiasmo.

- *“Pois, exatamente!”* – Exclamou também o rosto, empaticamente contaminado – *“Ora bem, por causa disso, tínhamos feito uma aposta em relação a si... E queríamos vir confirmar quem é que ganhou.”*

- *“E afinal?”* – Perguntou Ernesto, genuinamente interessado – *“Quem ganhou?”*

- *“Bem... Na verdade, ainda não sabemos.”* – Um olhar, algo divertido, algo embaraçado, foi trocado entre os rostos idosos – *“Ainda não sabemos o que é que o senhor faz.”*

- *“O que é que eu faço?”*

- *“Sim, da vida, percebe? A sua profissão...”*

Ernesto exclamou um sinal de compreensão, acompanhando-o com um riso leve que despoletou um sorriso comunitário e expectante nos rostos em seu redor, como papagaios a ouvir *olá*.

Ora bem, Ernesto viu-se, de súbito, alvo da atenção plena de seis olhos, dois em cada rosto, e pensou em como, se fossem outros os tempos, aquela situação levaria certamente ao ruborescer das suas bochechas e a uma resposta apressada e simplificada. Contudo, os tempos já não eram esses, e Ernesto tinha, de há uns meses para cá, transformado por completo a sua maneira de estar. Não o fizera propositadamente; na verdade, apenas se cansara de interpretar a personagem que todo o santo dia se descobria a encarnar. Mal saía do seu território e entrava no espaço comum da sociedade, as cortinas abriam-se e sentia que a distância entre si e aquele papel que, com os anos, tanta naturalidade adquirira, desvanecia-se. Ouvia-se a falar, a agir, a tocar, com jeitos que não eram os seus, com verbos que não lhe faziam sentido. Muitas vezes, fechado na casa de banho do emprego, recriava as situações diárias na sua cabeça e interrogava-se de quais palavras tinham sido as suas, pois todas insurgiam-se-lhe como se fossem a mesma, como se as conversas pudessem ser resumidas a vários indivíduos, em cruzamentos forçados em

corredores ou reuniões, a conferirem variadas sonoridades à mesma palavra. Ora, certo dia, Ernesto acordara e saíra de casa tal como em todos os dias anteriores, mas rapidamente se apercebeu de que uma alteração dramática se tinha materializado: agora, já não era somente na sua recriação imaginativa; tudo o que conseguia ouvir era, literalmente, a mesma palavra. Isto poderá parecer algo retirado de um pesadelo – e foi essa, claro está, a primeira possibilidade que Ernesto inferiu –, contudo, após testar todas as formas que conhecia para despertar, mantinha-se ainda a ouvir, por todos os recantos, uma única palavra.

O que faz um homem quando experiencia uma bizzarria tamanha que abana por completo os fundamentos da sua realidade? Para Ernesto, a resposta era simples e condigna com a sua personalidade: ir trabalhar. O problema é que Ernesto era um operador de *call-center*; e mal chegou ao emprego, e se sentou, e colocou os auscultadores, e clicou no botãozinho que acionava a chamada para um qualquer telemóvel na base de dados, ocorreu-lhe que estava perante um verdadeiro dilema. Como é que se mantém uma conversa, quando tudo o que se ouve é a mesma palavra repetida ao infinito? Se o problema nos parece exigente, a verdade é que a situação resolveu-se de um forma perfeitamente simples, ainda que igualmente absurda: quando a pessoa do outro lado atendeu, com acentuações interrogativas na tal referida palavra, Ernesto – meio por hábito, meio por educação – procurou responder o costumeiro discurso que sempre repetia. Aconteceu que, para sua surpresa, apesar de estar a pensar numa panóplia de diferentes palavras, e dos movimentos dos músculos, nomeadamente a língua, estarem a executar as condições necessárias para a expressão dessas palavras, também da sua boca apenas saiu uma única, a mesma dos outros.

Foi assim, então, que Ernesto descobriu que, aparentemente, tanto ele como os outros continuavam a falar com acesso a todo o dicionário; contudo, a sua audição, talvez cansada do esforço quotidiana algo insignificante, decidira resumir todo aquele excesso importuno a uma única, simples, corriqueira até, palavra. Por isso, pode-se afirmar que a vida de Ernesto continuou sem as severas oscilações que se anteviam, dada a premissa; e, na verdade, poderia até ter preservado essa estabilidade até ao seu natural fim. No entanto, com cada dia que passava, Ernesto sentia cada vez mais – e, agora, exacerbado ainda pela repetição auditiva – que algo ali não tinha qualquer sentido. Afinal, como é que era

possível que ele, sem saber o que as pessoas estavam a dizer, e sem saber o que ele próprio estava a responder – *que coisa absurda...*, pensou, tantas vezes – como é que era então possível que conseguisse participar em conversas? A confusão levou, progressivamente, a uma violenta irritação; até que certo dia, a meio de uma reunião, Ernesto começou aos berros. O que berrou, exatamente, ele não o pôde saber, pois só se ouvia a excluir a mesma palavra, mas pela reação dos colegas em seu redor e pela rapidez com que foi despedido, terá sido algo verdadeiramente grave e ultrajante. Ora, este momento – que poderia ter ditado o início da queda para Ernesto – revelou-se precisamente no contrário, pois ao sair do edifício onde passara a maior parte das últimas duas décadas, Ernesto ouviu de súbito uma segunda palavra. É curioso como, para nós, seres humanos sem problemas destes, ouvir duas palavras distintas poderá não criar grande entusiasmo, mas para alguém como Ernesto, que passara semanas a ouvir as mesmas sílabas repetidas ao limiar da loucura, o magnífico som de consoantes e vogais a articularem-se de uma forma distinta, foi de uma euforia inexplicável.

Desse ponto em diante, Ernesto foi tomando consciência que as suas decisões tinham consequências diretas na quantidade de palavras que ouvia, de tal forma que, sempre que se preservava na mesma situação desagradável sem procurar qualquer mudança, algo de sobrenatural fixava-lhe o vocabulário, e só por ações novas, violentas, absurdas, incompreensíveis, é que Ernesto conseguia desbloquear novas palavras. Só assim se poderá começar a compreender o que levou Ernesto a vender a casa que demorara duas décadas a pagar, o que o leva, hoje em dia, a transitar de hotel em hotel, geralmente após estadias longas, e o que o leva a não fazer nada, profissionalmente – pelo menos no sentido moderno. O que Ernesto efetivamente faz é escutar; e grande parte do seu tempo é passado em escuta ativa – pelas ruas, cafés, restaurantes, museus, parques – à procura do sedutor, delicioso som de uma nova palavra. “*Parece que estou a tentar recuperar algo que perdi*” pensa, por vezes, Ernesto, mas logo se apercebe da falsidade de tal afirmação porque, na verdade, nunca escutara as palavras como agora o faz, nunca uma palavra o tinha preenchido de maravilha e excitação.

- “*Então, meu querido, ficou sem palavras?*” – Perguntou o rosto feminino.

- “*Bem...*” – Começou Ernesto, apercebendo-se de que era a primeira vez, desde o começo de todas estas coisas, que se via na obrigação de se definir – “*O que é que vocês*

acham?” – A pergunta foi suficiente para o retorno dos sorrisos embaraçados, a troca pecaminosa de olhares, o desconfortável silêncio – *“Não se envergonhem que eu não levo a mal. Digam lá!”*

- *“Eu – com todo o respeito, mais uma vez – apostei que você trabalhava aqui no hotel, e que vinha cá no final do turno.”* – Considerando as roupas que trazia vestidas, e comparando-as com a classe e rigor que os três corpos à sua frente envergavam, a resposta em nada surpreendeu ou ofendeu Ernesto.

- *“E a senhora?”* – Perguntou, vendo-a erguer a face, empinar o nariz, num ato defensivo de quem nunca pediria perdão, ainda que o corpo o expressasse de outras maneiras.

- *“Se faz questão de saber... Eu continuo a achar que você é um homúnculo, a quem a sorte brindou com uma herança choruda.”* – Um breve interlúdio assemelhou-se ao comedimento que geralmente antecede o excesso – *“Como dar foie gras a um porco.”*

Num impulso automático e poderoso, Ernesto riu-se abertamente, com gargalhadas fartas que quase o atiraram do banco para o chão. Dirão alguns – os que esta situação vissem de fora – que o riso foi uma manobra defensiva diante da agressividade das palavras, à semelhança do empinar do nariz daquele belo rosto feminino, ainda há pouco. Outros – os mais cínicos entre nós, que conhecemos as peculiares circunstâncias da vida de Ernesto – acharão que ele se riu porque sabia mais do que aquela mulher, provindo por isso o divertimento nessa espécie de superioridade intelectual onde se camuflam laivos machistas. Contudo, posso assegurá-lo enquanto narrador, Ernesto ria-se com puro divertimento, absolutamente deleitado com a ferocidade daquela mulher. Ao invés do que seria expectável, o que de facto divertia Ernesto era, precisamente, esse incrível instinto que, por tão pouco, falhara uma descrição perfeita; e como isso possibilitara um momento de expressividade sincera, longe da enfadonha servidão vocabular.

- *“Homúnculo!”* – Exclamou Ernesto, levantando-se do banco – *“Ora aí está uma belíssima palavra!”*

Satisfeito, Ernesto afastou-se finalmente dos três rostos, num desenlace que a todos pareceu adequado, apesar da ausência de despedidas formais. Afinal, se Ernesto

adquirira uma nova palavra, na imaginação daqueles três semelhantes rostos, já se conjecturava a possibilidade deliciosa de narrar este bizarro encontro no próximo evento social.